

“E farás uma janela para a arca” – Língua, memória e cultura como uma ponte entre o leitor secular e a “biblioteca” judaica¹

RACHEL ELIOR

Doutora pela Universidade Hebraica de Jerusalém e Professora do Departamento de Pensamento Judaico, da Faculdade de Humanidades da mesma Universidade; Professora do Van Leer Institute, Jerusalém, Israel.

Traduzido do inglês por Grete Bejzman

RESUMO A autora faz uma reflexão sobre a importância da construção de uma ponte que conecte a história e a cultura judaicas com o público secular na Israel do final do século XX, ressaltando que o antagonismo político e social entre o religioso e o secular afeta de modo determinante tanto os laços espirituais quanto os culturais. O estudo analisa as causas responsáveis pelo sentimento de marginalização do público secular, dissociado e alienado da experiência judaica. Na sequência, discute a questão da identidade em relação ao passado e ao presente, valorizando o passado como um patrimônio que sempre existe dentro do presente, explícita ou implicitamente, e afirmando que a Língua Hebraica é uma ponte entre os mundos do passado e os do presente, entre mundos internos e contextos externos, entre memórias comuns e esperanças compartilhadas. O texto apresenta adiante, segundo pesquisa no campo da História Judaica, a diversidade de percepção e significados do Judaísmo, de Deus, do conteúdo da revelação divina, diversidade que expressa a constante controvérsia sobre a essência do Judaísmo e demonstra que o Judaísmo sempre foi uma força dinâmica e evolutiva, nunca uma realidade incontestável, imutável e única.

PALAVRAS-CHAVE Língua hebraica, Memória judaica, Cultura judaica, Pensamento judaico

ABSTRACT The author makes a reflection on the importance of building a bridge between Jewish history and culture and the secular public in late twentieth-century Israel, noting that the political and social antagonism between the religious and the secular determinant mode affects both the spiritual and cultural ties. The study analyzes the causes that generate feelings of marginalization in the secular public, dissociated and alienated from the Jewish experience. The author also discusses the issue of identity in relation to the past and the present, highlighting the past as a patrimony which always exists within this, explicitly or implicitly, and stating that Hebrew language is a bridge between the worlds of the past and present, between internal and external worlds, common contexts between memories and shared hopes. She also presents, according to research in the field of Jewish history, the diversity of perception and meanings of Judaism, God and the content of divine revelation, diversity that expresses the constant controversy about the essence of Judaism and demonstrates that Judaism has always been a dynamic and evolutionary force, never just an undeniable reality, immutable and unique.

KEYWORDS Hebrew Language, Jewish Memory, Jewish Culture, Jewish Thought

Muito profundo é o poço do passado. Não deveríamos chamá-lo de insondável?

De fato insondável se – e apenas se – o passado ao qual nos referimos é tão somente o passado da existência da humanidade, a enigmática essência da qual as nossas próprias existências, normalmente insatisfeitas e um tanto quanto anormalmente miseráveis, fazem parte: cujo mistério, naturalmente, inclui o nosso próprio e é o alfa e o ômega de todos os nossos questionamentos.

Thomas Mann, *José e Seus Irmãos*

CRIAR UMA PONTE DA HISTÓRIA E DA CULTURA JUDAICAS COM O PÚBLICO SECULAR na Israel do final do século XX não é uma coisa fácil. O antagonismo político e social entre o religioso e o secular afeta imensamente tanto os laços espirituais quanto os culturais. Sem dúvida alguma, há muito boas razões de ambos os lados para este

profundo antagonismo, embora, algumas vezes, ele seja alimentado por generalizações e estereótipos superficiais.

No entanto, é preciso fazer uma clara distinção entre a luta política sobre o caráter do Estado e a ligação cultural com “o poço do passado” ou todo o complexo que é o Judaísmo. Uma identificação simplista de manifestações controversas do Judaísmo, no presente, com suas múltiplas manifestações ao longo dos milênios, certamente tem que ser evitada, da mesma forma como têm que ser evitados julgamentos arbitrários retrospectivos que iluminam as profundezas do passado através dos estreitos limites do presente.

É um fato bem conhecido que o público secular, na sua maior parte, sente-se marginalizado, dissociado e alienado da experiência judaica. Essa alienação tem sua origem em três fatores principais: a) a coerção religiosa e o temor pelo caráter democrático do Estado, ameaçado pelas posições religiosas discriminatórias e pela legislação religiosa não-igualitária; b) a controversa mistura de religião e política, envolvendo diferenças essenciais no estilo de vida, nos valores e nas prioridades; c) um sentimento de desigual da partilha de privilégios e obrigações entre as comunidades ultraortodoxas e seculares. Todos esses fatores criam uma atmosfera de hostilidade e desconfiança com respeito a cada faceta do Judaísmo. No entanto, apesar dessas complicadas questões, o público secular não pode abrir mão dos laços culturais entre o presente secular e o passado religioso, ou entre a experiência israelense e a identidade judaica.

A razão para isto está no fato de que os seres humanos não são meras criaturas biológicas vivendo num vácuo, mas são, fundamentalmente, criaturas históricas nascidas numa realidade cultural específica. A dimensão cultural da vida surge do fato de que herdamos, tanto implícita quanto expli-

citamente, muitas coisas de nossos pais e ancestrais, algumas das quais, ou a maioria delas, desejamos passar para nossos filhos. Essa realidade cultural na qual nascemos não é automática, mas é gradualmente adquirida, considerando várias perspectivas quanto ao presente, ao passado e ao futuro. O indivíduo não adquire repentinamente a percepção do próprio ser e do ambiente circundante, mas a ele se adapta lentamente, aprendendo e criticando, lutando e aceitando. Para adquirir a identidade humana, o indivíduo tem que formar sua autopercepção e vincular-se ao meio através da linguagem, de associações e da interpretação das mudanças de significados.

As pessoas formam sua identidade em relação ao passado e ao presente, à memória comum e a esperanças por um futuro comum, à linguagem e seus significados variados, à literatura e à poesia, aos códigos e leis, a conceitos e normas. Tudo isso transmite o passado e dá forma ao presente. O indivíduo se desenvolve e cresce ligado aos componentes abstratos e tangíveis de sua própria cultura e em relação às suas bases comuns e individuais. A vida de cada pessoa possui uma dimensão de profundidade histórica, baseando-se na memória transmitida por meio da linguagem e da cultura, da tradição e dos costumes; uma dimensão influenciada pelo fato de que, de muitas maneiras, o passado sempre existe dentro do presente, explícita ou implicitamente.

Na experiência israelense, essas dimensões se baseiam fortemente na cultura judaica, uma vez que muitas das partes componentes de nossa existência vêm do passado. Há a milenar Língua Hebraica, mantida como uma língua viva nas comunidades judaicas em todo o mundo. Há uma consciência compartilhada baseada na identidade nacional, formada no passado distante pelas antigas Escrituras. Há o ritual ligando o passado e o pre-

sente, e os eventos comuns do ciclo de vida provenientes da tradição. Comunidades de diversas origens compartilham um vínculo comum com conceitos abstratos e costumes substanciais, com mitos, rituais e memórias, bem como com o calendário hebraico, que marca diariamente o presente em relação ao passado histórico e mitológico.

A afinidade do público secular com sua cultura e seu passado muitas vezes é remota, repercutindo vozes distantes de vagas sombras observadas através de um vidro opaco. Para entender essas vozes distantes e transformá-las de impressões superficiais em profundezas significativas, é preciso ler, estudar, criticar, examinar e imaginar. Há uma razão para esses esforços, uma vez que eles nos capacitam a transcender os limites de tempo e lugar, de encontrar as raízes da nossa existência, conforme expresso nas palavras de Thomas Mann em *José e Seus Irmãos*: “Porque quanto mais fundo sondamos, e quanto mais para o fundo do passado mergulhamos e pressionamos, tanto mais descobrimos que os mais antigos fundamentos da humanidade, sua história e cultura, se revelam insondáveis” (MANN, 2005).

Para possibilitar um diálogo produtivo com o passado, o Judaísmo tem que ser transformado em uma cultura e uma história consideradas em sua integralidade, sua diversidade e no contexto das transformações que sofreu. Isso só pode ser alcançado se o discurso público estiver despido da prerrogativa e coerção religiosas. A religião tem que estar despojada do poder político e separada do Estado, e a cultura não deve ser dependente da política, permitindo que a relação entre os israelenses e sua identidade seja assentada no conhecimento, no interesse, no amor e na liberdade. Um diálogo cultural deve ser estabelecido com base na liberdade e no pluralismo, no conhecimento e na pesquisa, no entusiasmo e na criatividade, na diversidade e

no interesse individual, na relevância, ceticismo, crítica e curiosidade intelectual. O Judaísmo deve ser considerado cultura e história, folclore e arte, ou uma testemunha multifacetada das significativas mudanças espirituais e da diversificada experiência da vida judaica, através de variadas circunstâncias históricas. O significado do Judaísmo deve ser esclarecido a partir de diferentes ângulos, da mudança de contextos culturais e da identificação do seu lugar na cultura humana contemporânea.

Portanto, para esclarecer os princípios desta abordagem, eu gostaria de apresentar três negações fundamentais baseadas numa pesquisa no campo da História Judaica:

- Não há e nunca houve só uma percepção do Judaísmo, uma vez que o mesmo foi redefinido por seus adeptos em cada geração. Como qualquer corpo vivo essencial dentro de uma realidade histórica mutável, o Judaísmo evoluiu durante o curso da história, tanto como resultado de fatores externos quanto pela necessidade de se redefinir constantemente em relação à experiência espiritual e à mudança existencial. A relação dialética entre a mudança inovadora e a norma tradicional, o debate cultural e a controvérsia religiosa, forjaram a imagem da cultura judaica ao longo da história.
- Não há e nunca houve só uma concepção de Deus, uma vez que a figura de Deus e os diversos significados a ela associados enfrentaram várias mudanças ao longo dos milênios no pensamento judaico. O homem criou Deus à sua própria imagem durante o curso da história, e, como a imagem do Homem mudou, assim também mudou a imagem de Deus. Este fato está claramente ilustrado na mudança dos nomes e dos atributos de Deus. Deus é o criador e

legislador; na Bíblia, é Deus da história e da Providência; na visão que Ezequiel teve do trono divino, Deus é percebido como o Deus místico da revelação; nos Manuscritos do Mar Morto, é o Deus oculto rodeado por anjos; Deus é o criador dos dois espíritos que governam o mundo dualista da Guerra dos Filhos da Luz com os Filhos das Trevas. A literatura pós-bíblica apresenta um Deus celestial ao qual se pode ascender, e a literatura *Heichalot* desenvolve um novo conceito de céu no qual os seres humanos podem olhar para o *Merkavá* (trono divino) e para os *Heichalot* (“palácios” ou câmaras celestiais), descrevendo um Deus antropomórfico com nomes secretos e dimensões cósmicas conhecidas como a “Medida do Corpo” (*Shiur Koma*). Junto com esse Deus místico-visível-invisível, os outros habitantes do céu – os *serafins* e os seres celestiais – são descritos num estilo poético-místico espetacular. Na literatura *midráshica*, a natureza de Deus é explicada a partir de uma perspectiva dialógica e pessoal através da mitologia e da lenda, enquanto que, na Idade Média, entre os *Chassidim*² da Alemanha Medieval, encontramos figuras angelicais intermediárias ao lado de um Deus oculto, tal como a Honra Manifesta (*Hakavod Hanigleh*) e o Querubim Especial (*Hakruv Hameyuchad*). O mesmo período testemunhou o advento do Deus abstrato dos filósofos, além da percepção e descrição sensoriais chamadas de Mente Atuante (*Hasechel Hapoel*), bem como o Deus místico e mitológico dos Cabalistas³, chamado de *Einsof* (infinito) e *Sefirot*, *Adam Kadmon* (Homem Primordial) e Causa das Causas. A concepção de Deus entre os filósofos desenvolveu-se à maior distância possível da experiência humana, através da negação, enquanto que a concepção cabalista de Deus estava profundamente ligada à imagem do Homem,

através de símbolos místicos, unificando o humano e o divino. A era moderna também testemunhou diversas concepções de Deus, do misticismo Chassídico até Mendelssohn, Rosenzweig, Buber e Rav Kook. A literatura judaica, que foi pouco mencionada aqui, demonstra claramente que os portadores da tradição judaica não estavam satisfeitos com uma única figura de Deus, mas recriavam constantemente o Ser Divino infinito na sua imaginação, de acordo com as mudanças das percepções do Homem e do mundo.

- Não há e nunca houve só uma abordagem exegética da revelação divina. A sagrada tradição das Escrituras, atribuída à revelação divina, foi interpretada e reinterpretada de muitas maneiras diferentes ao longo da história. Por exemplo, muitas narrativas bíblicas foram recontadas na literatura pós-bíblica e reinterpretadas em estilo polêmico nos Manuscritos do Mar Morto, enquanto que a literatura das *Heichalot*, em grande parte, ignorou a Escritura porque ela focava uma revelação renovada. A literatura talmúdica apresenta várias visões sobre a teoria e a prática derivadas do texto bíblico, enquanto que o *Midrash*⁴ destaca facetas ocultas das Escrituras, interpretando pequenas porções e expressando tradições alternativas. Os *Pesharim* (comentários bíblicos do final do Período do II Templo) apresentaram os textos bíblicos, tendo reinterpretado as unidades maiores de acordo com uma ideologia polêmica. A Idade Média assistiu a reinterpretação do conteúdo da revelação de acordo com a filosofia aristotélica e neoplatônica, criando novos gêneros na forma de literatura moralista mística e cabalista. Nos séculos XVII e XVIII, a literatura sabatiana deu à tradição mística uma visão anarquista e paradoxal. A literatura cabalista, escrita no período medieval e início da Era

Moderna, com o desenvolvimento da literatura *Chassídica* que se seguiu nos séculos XVIII e XIX, acrescentou elementos fascinantes à exegese tradicional, ao mesmo tempo em que redefiniu as concepções de céu e terra e do Homem.

O princípio dialético das “setenta faces” da Torá manteve a santidade do texto bíblico, ao mesmo tempo em que permitiu uma leitura criativa, uma escrita inovadora e uma renovada interpretação no coração da tradição textual sagrada. Fica perfeitamente claro, a partir do estudo da história Judaica, que a mudança das interpretações, percebida como a descoberta de profundos significados anteriormente ocultos ou como a revelação de novas verdades divinas para os místicos inspirados, não necessariamente se desenvolveu numa atmosfera de harmonia e não foi amplamente aceita e santificada como algo natural.

A Guerra dos Filhos da Luz com os Filhos das Trevas e a luta do Mestre da Justiça em Qumram⁵ contra o sacerdote ímpio em Jerusalém, a controvérsia entre os Saduceus⁶ e os Fariseus⁷ sobre a prática do ritual e sobre a interpretação do calendário sagrado e do ritual sacrossanto, o florescimento da literatura apócrifa e sua renúncia, o florescimento das literaturas sincretista e gnóstica no advento da Era Comum, tudo comprova as tempestuosas batalhas do Final da Antiguidade.

A controvérsia sobre os escritos de Maimônides e a queima do *Guia dos Perplexos*, os violentos ataques contra o *Zohar*⁸ e a *Cabala* e a excomunhão de Abraham Abulafia pelo rabino Solomon Ben Abraham Adret comprovam os debates ideológicos que se alastraram por toda a Idade Média. A perseguição ao vidente Solomon Molcho e a luta pelo *status* da Cabala⁹ no século XVI, o Sabatianismo¹⁰ e seu fracasso no século XVII e a subsequente excomunhão e perseguição a Spinoza, Moses

Hayim Luzzatto, Jonathan Eibshitz e Nehemia Hayoun no século XVIII, bem como a amarga controvérsia entre os *Chassidim* e os *Mitnaguim*¹¹, demonstram claramente as contínuas lutas em matéria de crença e convicção e indicam a intensidade da mudança que ocorreu dentro da sociedade tradicional.

O final do século XVIII testemunhou as lutas judaicas internas contra Jacob Frank na Polônia e Nathan Adler na Alemanha, bem como a prisão de Shneur Zalman de Liadi na Rússia e a perseguição a seus seguidores. No século XIX, Rabi Nachman de Breslov e Rabi Israel de Ruzhin foram perseguidos. Os amargos debates entre os *Chassidim* de Kotz e Izbitz, Zanz e Sadigora e várias facções do *Chabad*, bem como aqueles entre os *Mashkylim*, *Chassidim* e *Mitnagdim*, são bem conhecidos até hoje. Disputas em questões de crença e convicção continuaram até o século XX também, resultando, entre outras coisas, na excomunhão de Rav Kook. O conflito contemporâneo entre o Rabino Shack e o Rabino Schneersohn de Lubavitch¹² sobre o tema do renascimento messiânico é outra manifestação da constante controvérsia sobre a essência do Judaísmo.

Essas três negações demonstram que o Judaísmo sempre foi uma força dinâmica e evolutiva. Consequentemente, não há e nunca houve uma definição única de Judaísmo ou um só cânone judaico universalmente aceito, e a diversidade de identidades judaicas nunca partilhou de só uma realidade incontestável. Portanto, não há necessidade de transmitir uma experiência histórica específica e nenhum padrão deve ter preferência sobre outro. Mas, devemos, sim, nos empenhar em compreender a interação entre os vários aspectos e raízes da controvérsia espiritual e histórica.

As afirmações acima, porém, precisam ser qualificadas. Além da relativa perspectiva oferecida

por essas três negações, as sociedades judaicas tradicionais, de fato, compartilharam alguns valores básicos. Elas acreditavam, por exemplo, que a totalidade da existência tem que ser abordada na base do conhecimento e dos valores transmitidos do passado e que não pode haver distinção entre os vários aspectos da vida no que diz respeito à validade e aplicabilidade dos valores religiosos. Na grande maioria das comunidades judaicas, todas as instituições sociais foram alicerçadas na religião e derivaram sua legitimidade da *Halachá*¹³. E a vida comunitária era baseada numa estrita adesão a um estilo de vida ditado pela Torá e seus preceitos. Entre os valores comuns aos judeus na sociedade tradicional, vamos encontrar uma profunda crença na Torá dada por Deus e na santidade e atemporalidade das Escrituras. O estudo da Torá era visto como a principal virtude do sexo masculino, e a submissão patriarcal aos homens como a principal virtude do sexo feminino. Grande importância foi atribuída à tradição e à comunidade, mantendo uma identidade separada daquela do meio circundante, promovendo a unidade nacional, a responsabilidade mútua e a esperança de uma futura redenção. O estilo de vida judaico, influenciado por esses valores, foi conduzido de acordo com o calendário hebraico, criando uma memória comum, um ciclo ritual, uma individualidade separada e esperanças compartilhadas.

A despeito dos princípios comuns que formaram a identidade judaica, seria errado ver a vida judaica como tendo existido ao longo de um contínuo único, imutável e monolítico. Deve, sim, ser vista como uma força viva pulsante, existencialmente matizada na diversidade espiritual e na tensão dialética de mudança de conflito, tradição e inovação.

Nós concluímos, portanto, que não há um cânone uniforme ou uma seleção especial que temos

de conhecer. Nós podemos, sim, nas palavras de Thomas Mann, “sondar o poço do passado” e “mergulhar e pressionar o profundo mundo do passado”, escolhendo nossos pontos de referência em toda a extensão da história e da literatura judaicas. Portanto, nenhum programa ou formato específico pode ser imposto, pois milênios de criação e desenvolvimento em todos os aspectos da existência espiritual e física não podem ser restritos a um só formato. Mais ainda, não há hierarquia ou ordem de prioridades quando se trata de conhecimento histórico e cultural, visto que, em cada manifestação cultural e histórica do Judaísmo, há alguma coisa de importância e de interesse, e cada expressão escrita, existencial, espiritual, ritual e material pode ser um ponto de partida para estudo e discussão.

Essa abordagem empenha-se em aprender e conhecer, comparar e pesquisar sem preconceito, investigando os vários aspectos da experiência judaica numa atmosfera de completa liberdade, empatia, entendimento e crítica, criando uma perspectiva rica e diversificada através da qual uma cultura ainda mais rica pode se desenvolver, iluminando o presente à luz do passado. Ela não tem a intenção, implícita ou explícita, de aceitar ou rejeitar o sistema de valores de um determinado período histórico, ou de defender o estilo de vida, o comportamento ou filosofia de caráter religioso ou tradicional. Tais preferências são da alçada do indivíduo, que tem que escolher entre toda uma gama de crenças e convicções. Essas escolhas são feitas no domínio privado, e a abordagem aqui apresentada baseia-se no pressuposto de que todas as formas de cultura, história e criatividade pertencem ao domínio público e devem ser pesquisadas num ambiente de liberdade, ceticismo, entusiasmo, criatividade, identificação, interesse cultural e crítica.

Se tudo isso é verdadeiro e não há necessidade

de recorrer a padrões hierárquicos estruturados e estabelecidos, por onde começar? A resposta para isso pareceria ser: onde quer que haja interesse por parte dos estudantes, individualmente, ou de grupos de estudo, com questões de relevância contemporânea, uma vez que “uma pessoa aprende somente aquilo com que seu coração tem prazer” (*Avodá Zara* 19^a). Também é melhor seguir a abordagem educacional pluralista de “Educa a criança no caminho que deve andar...” (Provérbios 22:6). Qualquer pergunta que desperte o interesse daqueles que estão estudando pode servir como ponto de partida, desde que seja abordada a partir de uma perspectiva crítica e histórica, numa atmosfera de completa liberdade em relação à “biblioteca” judaica, e por aqueles dispostos a mergulhar no “poço do passado” e dedicar tempo à leitura, à pesquisa e ao estudo, o que ilumina a realidade presente com a luz infinitamente bela e cativante da história humana.

Com o objetivo de facilitar o acesso aos milhares de volumes na “biblioteca” judaica e de colocar essa abundância a um fácil alcance do leitor de hoje, esse amontoado de material pode ser dividido em categorias claras e relativamente simples. Os seguintes são alguns possíveis métodos de classificação que oferecem diferentes abordagens de estudo:

Classificação cronológica – começando com a Bíblia, seguida pela literatura pós-bíblica, os escritos judaicos da era Helenista e da biblioteca de Qumram, levando até o primeiro século da EC (Era Comum). A esses documentos se seguiram a *Mishná*¹⁴ e o *Talmud*¹⁵, a literatura dos *Heichalot* e *Merkavá*, orações e *piutim* (poesias litúrgicas), o *Midrash* e a literatura Gaônica¹⁶ – todos compostos durante o primeiro milênio da EC. O segundo milênio testemunhou o desenvolvimento dos comentários talmúdicos e das *Tosafot* (interpelações

talmúdicas), dos escritos filosóficos e cabalísticos, da literatura *Chassídica* medieval alemã e o *Zohar*, homilias e obras sobre ética, respostas *haláchicas*¹⁷, compêndios sobre costumes religiosos, a literatura cabalística de Safed, os escritos sabatianos e a literatura *Chassídica*, bem como as obras da *Haskalá* europeia e da renascença hebraica. A maior parte dessa literatura foi escrita em hebraico ou está disponível em tradução hebraica, e os leitores contemporâneos, com um pouco de orientação podem ler a maior parte dessa literatura sem dificuldade, permitindo-lhes sentir o pulso de vida de seus criadores.

Outros elementos podem ser acrescentados a qualquer uma dessas ordens cronológicas, mas o princípio da cronologia linear é relativamente claro e razoável caso se pretenda estudar o desenvolvimento de uma ideia ou, talvez, para um trabalho de caminho de volta no tempo. Há, naturalmente, outras opções caso se deseje investigar influências e associações. Uma qualificação para essa abordagem deve ser observada: é que o passado nem sempre cai em colunas cronológicas ordenadas, pois nunca houve apenas uma biblioteca ou depósito empoeirado, mas foi sempre um conjunto vivo ou uma forte torrente de experiência humana da qual percebemos apenas uma pequena fração. A compartimentalização histórica, portanto, é apenas relativamente válida; nunca é inteiramente válida do ponto de vista filosófico, e muitos conceitos podem ser temporários, não necessariamente de acordo com a contiguidade de tempo ou lugar.

Outro método possível de qualificação é o de acordo com gênero –, indo do geral para o particular, por tipo literário: poesia, homilia, linguagem, *Halachá*, misticismo, filosofia, polêmica, ciência, viagens, história regional, registros comunitários, memórias, arte, lenda, mito, vernáculo judaico, folclore, autobiografia, arqueologia, etc. Ca-

da uma dessas áreas é classificada e catalogada de uma maneira facilmente acessível aos leitores através de enciclopédias e referências bibliográficas, empregando tanto cartões de catálogos de bibliotecas, buscas no computador, CD-ROMs e bancos de dados.

Outro método de classificação é o por tópicos – do particular para o geral. Por exemplo, mudanças de atitude no Judaísmo em relação a: doença mental, sonhos, oração, amamentação, idolatria, joias, excomunhão, homossexualidade, casamento e costumes nupciais, violência doméstica, denúncia de compatriotas judeus aos gentios, memória, casamenteiros, recompensa e punição, lepra e doenças infecciosas, banhos rituais, esposas abandonadas e liberação do casamento por levirato, reencarnação, abate de animais, maternidade e criação dos filhos, astrologia e medicina popular, prostituição, culinária, adoção ou a dança dos mendigos em casamentos, vestimentas, amuletos ou cerimônias de purificação ou qualquer outra coisa na face da Terra. Pode-se começar a pesquisa consultando a *Enciclopédia Bíblica*, a *Enciclopédia Talmúdica*, a *Enciclopédia Hebraica* ou seu equivalente em língua inglesa, a *Enciclopédia da Diáspora* e a *Enciclopédia da Arqueologia*, índices de respostas rabínicas, concordâncias¹⁸, *O Dicionário do Hebraico Antigo e Moderno* de Ben Yehuda, citações no dicionário hebraico de Even-Shoshan e muitas outras fontes. Índices de periódicos de Estudos Judaicos, tais como *Zion*, *Tarbiz*, *Jerusalém Studies in Jewish Thought* (Estudos de Jerusalém do Pensamento Judaico), *Peamin*, *Kiryat Sefer* e outros, bem como os índices de obras de referência e bibliografias podem ser muito úteis. Essas ferramentas, com a ajuda de bibliotecários, professores e recursos online, possibilitam uma fascinante busca pelos quatro cantos da literatura judaica.

Ainda outro método é a classificação de acordo com critérios teóricos e fenomenológicos, examinando mudanças, contrastes e o desenvolvimento dialético de conceitos tais como *Halachá* e *Agadá*, *Gilui Vekisui Balashan* (Revelação e Ocultação através da Linguagem), *Halachá* e *Cabalá*, exoterismo¹⁹ e esoterismo²⁰, ou a diferença entre o terreno e o celestial, entre pensamento lógico e místico, entre sonho e realidade, entre os domínios público e privado, entre um Deus manifesto e oculto, entre autoridade divina e humana ou entre lei divina e lei feita pelo homem, entre defender e desacreditar normas, entre vozes autorizadas e silenciadas, entre Lei Oral e Lei Escrita, entre os Filhos da Luz e os Filhos das Trevas, entre santidade e profanação, entre sacerdócio e profecia, entre verdades relativas e absolutas, entre liberdade e coerção, entre o “Povo Escolhido” e “Derrama a tua ira sobre as nações”, “entrando no jardim da filosofia esotérica” e “cortando as plantas no jardim da fé” (i.e. pensamento herético), entre verdadeiros e falsos messias e muitas outras questões pertencentes ao *Zeitgeist* (espírito da época), preferência cultural, mudança de normas e crítica cultural, costumes sociais, crenças e convicções, modos de interpretação, debate e controvérsia, texto e contexto, percepção de si e dos outros, reafirmação de valores, lançando dúvidas sobre os mesmos. Aqui, também, a busca inicia com dicionários, concordâncias, índices, CD-ROMs, enciclopédias e obras de referência, conduzindo a artigos, estudos e material de pesquisa localizados em toda a biblioteca.

Assim, é preciso fazer esforços, tanto para se familiarizar com a diversidade da “biblioteca” judaica e a ampla variedade de recursos de pesquisa e de bibliografia disponíveis para os leitores, quanto para construir um sistema de pontes facilmente acessíveis entre esses tesouros do conhecimento e os estudantes de todos os níveis. Eu acredito que

uma profunda familiaridade com a “biblioteca” que possuímos em potencial, junto com um amplo conhecimento de recursos que nos permitem realmente abrir e folhear as páginas dos livros nessa “biblioteca”, pode criar uma nova base para a definição da cultura judaica e da identidade humana.

Essa leitura e essa pesquisa, originando-se no interesse pessoal e conduzidas de maneira pluralista, à luz da diversidade textual e da riqueza histórica, contribuem, não somente para questões de identidade judaica, mas também ensinam humanidade, uma mentalidade aberta e sensibilidade cultural universal. O encontro com uma multiplicidade de vozes, significados multifacetados, diversos pontos de partida e a complexidade de diferentes experiências e mudanças de convicções elevam a sensibilidade em relação à relatividade humana regida pelo tempo e lugar. Esse encontro desenvolve uma conscientização das muitas vozes que moldam a existência humana e enriquecem a experiência da vida.

A abordagem pluralista acima apresentada está amplamente assentada na própria percepção que o Judaísmo tem de si mesmo. Tendo definido seu texto fundamental – a Torá – como lei e mito dados por Deus, sagrados, eternos, o Judaísmo determinou que essa Torá possui “setenta faces”. A crença na origem divina da Torá implica a crença na sua atemporalidade e validade perpétua. A palavra de Deus não está sujeita a qualquer padrão terreno e não pode ser limitada a um determinado tempo ou lugar, mas contém, em si, significados diversos e cambiantes, gradualmente revelados ao longo das gerações. O fato de que as palavras são dadas por Deus também significa que elas têm infinitos níveis de significado, conhecidos como suas “setenta faces” ou *Peshat* (literal), *Remez* (alegórico), *Derash* (homilético) e *Sod* (esotérico) reinterpretadas em cada geração.

Esses níveis de significados, contidos – de maneira explícita e alegórica – no texto escrito na Língua Sagrada, são revelados, ao longo do tempo, de várias maneiras por legisladores, poetas, profetas, sonhadores e visionários, pensadores e místicos, especialistas *haláchicos* e polemistas, *paytanim* (compositores litúrgicos) e cantores, cabalistas e filósofos, os quais, por um lado, santificam a palavra literal infinita de Deus e, por outro, revelam a constante mudança dos seus significados ocultos.

Um dos mais notáveis elementos do pensamento judaico ao longo dos tempos tem sido a crença na língua hebraica como a Língua Sagrada, derivada da palavra infinita de Deus, compreendendo letras e sílabas, nomes e palavras com o poder de criar significados infinitos. A própria língua é percebida como possuidora de dimensões complexas e dinâmicas e é considerada como uma ponte entre o céu e a terra. Além de seu uso para a comunicação, ela é vista como uma representação aberta e palpável da identidade infinita da entidade, oculta e abstrata. Esta ideia está bem expressa na profunda interpretação do rabino Israel Ba'al Shem Tov na frase: “Uma janela farás para a arca” (Gênesis 6:16).

Que esta palavra (*tevah* em hebraico significa tanto “arca” como “palavra”) pode brilhar. Porque cada letra contém mundos e almas e essência divina, que surgem e se unem entre si, e, em seguida, unem-se com outras letras para se tornarem uma palavra (*tevah*) e então, verdadeiramente, unir-se na essência divina. O homem deve colocar sua alma em cada aspecto, e então todos os mundos se unem como um só e surgem criando alegria e prazer sem limites. E este é o significado de “... histórias mais em baixo, segundas e terceiras” (IBID.) – mundos, almas e essência divina. (Testamento do Rabino Israel Ba'al Shem Tov, Jerusalém, 1965, p. 225)

O Ba'al Shem Tov, na sua interpretação da história de Noé, transforma a arca de Noé (*tevah*) em uma palavra (*tevah*) formada por letras e deseja “fazer uma janela para a palavra”, i.e. abrir as palavras aos seus mais profundos significados, ouvir as vozes do passado – soando além do timbre do presente – para revelar as profundezas espirituais e históricas ocultas da linguagem. Uma vez que cada palavra tem “histórias mais em baixo, segundas e terceiras”, os estudantes precisam esforçar-se para desvendar “o texto sob o texto”, para elucidar a totalidade do sentido oculto nas palavras e no desenvolvimento dos conceitos. Eles têm que escutar a ressonância da linguagem e o mundo associativo que está além do seu uso mundano.

No seu famoso ensaio *Gilui Vekisut Balashon* (*Revelação e Ocultação através da Linguagem*), H. N. Bialik compara as palavras que usamos com o curso dos blocos de gelo em um rio revolto, de onde vieram do passado para o presente. Na verdade, apenas destacamos os blocos sem voltar nossa atenção para as profundezas de onde se originaram. No entanto, assim como a relação entre o gelo e a água está em constante mudança, assim também estão mudando a linguagem do presente e a do passado. Se a linguagem do presente é linguagem corrente com suas palavras “sem janela”, então o passado é a soma total da linguagem em todos os níveis, preservada na literatura desde a Bíblia até os nossos dias, emergindo e brilhando, de tempos em tempos, na poesia e na prosa. Bialik, assim como Ba'al Shem Tov, deseja fazer uma janela para a palavra”, devolver o gelo para a corrente do rio. Em suas obras, de poesia e de prosa, ele de fato abriu uma “janela” maravilhosa às palavras da Língua Hebraica e à cultura na qual ela se desenvolveu, flutuou e congelou.

A linguagem é compartilhada por todos, independente de pontos de vista políticos e espirituais

conflitantes, porque a Língua Hebraica é uma ponte entre o passado e o presente, entre o exoterismo e o esoterismo, entre o céu e a terra, entre o tangível e o abstrato. Mais ainda, o Hebraico serve como uma ponte entre os mundos do passado e do presente, entre mundos internos e contextos externos, entre memórias comuns e esperanças compartilhadas. A Língua Sagrada é acessível a leitores e estudantes de todas as esferas da sociedade, desde que mergulhem em suas profundezas. A “janela” aberta para as palavras é também uma “janela” que vem das palavras. A luz vem de dentro do passado e ilumina o presente assim como flui do presente para o passado. Nós desejamos não só abrir os segredos dos textos antigos e ouvir as vozes veneráveis que emergem de suas páginas, mas também confrontá-los com perguntas baseadas em novas percepções e na crítica contemporânea e até sugerir interpretações baseadas em abordagens originais e vozes ainda desconhecidas. Adquirir uma identidade cultural significa partir do vernáculo, que pertence a apenas um pequeno corte transversal no presente, e abrir uma janela para o conjunto de todos os discursos, livros, leis, debates, sonhos e canções, falados e escritos, do passado até hoje, tecendo e entrelaçando toda a linguagem e a literatura com a teia e a trama de sua experiência e cultura.

NOTAS

1 Este texto foi publicado anteriormente: ELIOR, Rachel. “A Window Shalt Thou Make to the Ark”: Language Memory and Culture as a Bridge between the Secular Reader and the Jewish “Library”, *Jewish Identity in Modern Israel* (eds. E. Schveid and N. Rothenberg), Jerusalem: Van Leer Institute and Urim Publications, 2002, p. 48-62. Traduzido e publicado na *WebMosaica* com autorização da autora, recebida em 03/03/2011.

2 *Hassidismo* ou *Chassidismo* – seita religiosa que Surgiu na Europa, no século XVIII. Sua filosofia foi formulada pelo rabino místico Israel ben Eliezer, mais conhecido como o *Baal Shem Tov* (o Mestre do Bom Nome) e tem como característica a alegria de servir a Deus.

3 *Cabalista* – adepto da Cabala – daí, *literatura cabalista*.

4 *Midrash* (pl. *midrashim*) significa “busca” ou “exposição”. Aplica-se a um tipo especial de interpretação ampla do texto bíblico. Uma exposição da Escritura ou compilação da mesma. Livros das épocas talmúdica e pós-talmúdica, dedicados à exegese homilética das Escrituras.

5 *Qumran* – local onde foram encontrados os Manuscritos do Mar Morto.

6 *Saduceus* – fundamentalistas da classe dirigente, que estavam interessados em seguir a letra da lei das Escrituras e em manter seu poder.

7 *Fariseu* – de “pharash” = interpretar – ou, segundo alguns, “separar”. Os fariseus lançaram os alicerces da tradição rabinica mediante a interpretação da lei sagrada. Estavam em oposição aos Saduceus, criadores rabinicos da filosofia humana e ética da vida, da crença e da prática.

8 *Zohar* (esplendor). Nome dado à mais importante compilação da Cabala, também denominada *Sefer ha-Zohar*, ou Livro do Esplendor, introduzida na Espanha por Moses de Lein, no sec. XIII.

9 *Cabala* (tradição) – designação dada ao sistema místico-filosófico que teve sua origem na Espanha, no sec. XIII. Denominação dada ao conjunto das doutrinas místicas judaicas.

10 *Sabatianismo* – movimento de Shabetai Zvi no sec. XVII – um dos falsos messias. Daí, *literatura sabatiana*.

11 *Mitnaguim* – oponentes ao Chassidismo, a partir do sec. XVIII.

12 *Chabad-Lubavitch* – é um dos maiores e mais conhecidos movimento Hassídico do Judaísmo.

13 *Halachá* (pl. *halachot*) = curso, lei judaica. Este termo é empregado de duas maneiras, significando ou uma decisão legal específica ou a totalidade da Lei.

14 *Mishná* (lição, repetição) – nome dado à coletânea de leis e preceitos orais que, a partir da destruição de Jerusalém por Tito, foram objeto de trabalhos de hermenêutica bíblica. Divide-se em seis ordens e 63 tratados, formando o núcleo e a primeira parte do Talmud. Seu ordenador e codificador foi o Rabi Iehudá ha-Nasi, no sec. II. Versão codificada da lei oral judaica.

15 *Talmud* (ensino) é o mais famoso livro dos judeus depois da Bíblia. Tratado da literatura rabínica contendo discussões acadêmicas sobre a aplicação judicial da lei judaica. É uma compilação de leis e discussões sobre a Lei. É como uma enciclopédia da vida judaica, desde o sec. IV AEC (Antes da Era Comum) até o sec. IV EC (Era Comum).

16 *Gaon* é o termo hebraico equivalente a “ilustre, excelência”. Um erudito, um estudioso. Título dos chefes das academias talmúdicas da Babilônia de Sura e Pumbedita, que eram as mais altas autoridades religiosas para o povo judeu após o eclipse da liderança espiritual judaica na Terra Santa e o fechamento do cânone talmúdico no sec. V. Sua hegemonia durou até o declínio do judaísmo babilônico no sec. XI. Daí, *literatura gaônica*.

17 *Hascalá* (inteligência, iluminismo) designa o Iluminismo judeu, o grande movimento de renovação do Judaísmo iniciado em meados do sec. XVIII na Alemanha, sob a direção de Moses Mendelssohn. Os adeptos da *Hascalá* eram chamados de *maskilim*.

18 *Concordância* (no sentido do texto) é o índice alfabético dos termos, assuntos e ideias que ocorrem na Bíblia, com a indicação das passagens em que figuram, o que permite um paralelo das acepções.

19 *Exoterismo* (no sentido do texto) significa passível de ser ministrado ao grande público e não somente a um grupo seleto de alunos. Diz-se de cada um dos escritos aristotélicos destinados ao grande público, em forma de diálogos, dos quais só restaram fragmentos; diz-se dos ensinamentos e doutrinas que, nas escolas da Antiguidade grega, eram transmitidos em público.

20 *Esoterismo* – (no sentido do texto) caráter de uma obra hermética, enigmática; atitude doutrinária, pedagógica ou sectária segundo a qual certos conhecimentos

(relacionados com a ciência, a filosofia e a religião) não podem ou não devem ser vulgarizados, mas comunicados a um pequeno número de iniciados.

REFERÊNCIAS

BIALIK, Chaim (Haim) Nachman. “Revelment and Concealment in Language” (1950), translated by Jacob Sloan, in ALTER, Robert (ed.). *Modern Hebrew Literature*. Springfield, NJ: Behrman House, 1975, p. 127-140.

MANN, Thomas. *Joseph and his brothers*; the stories of Jacob, Young Joseph, Joseph in Egypt, Joseph the provider. Translated by John E. Woods. New York, London, Toronto: Alfred A. Knopf, 2005. Em português: MANN, Thomas. *José e seus irmãos*: as histórias de Jacó e o jovem José (vol. 1); José e seus irmãos: José no Egito (vol. 2); José e seus irmãos: José o provedor (vol. 3). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

Recebido em 03/03/2011
Aceito em 15/06/2011
Traduzido em 05/12/2011